

Histórias para "chicas" e "chicos"

Conhecimentos de Informática, Inglês e Espanhol hoje são indispensáveis para a sobrevivência de qualquer cidadão que queira se dar bem na vida profissional. E a lição deve começar cada vez mais cedo.

Para tornar mais eficaz o aprendizado do idioma espanhol e incentivar na garotada o gosto pela leitura, a Editora Moderna está lançando a coleção **Lecturas Modernas**, em quatro volumes.

Os dois primeiros acabam de sair do forno: **Mi Buenos Aires Querido** conta a história de um garoto de 15 anos que embarca em uma viagem de intercâmbio para a capital argentina. Lá faz novas amizades, conhece um pessoal muito divertido que adora futebol e até aprende a dançar tango. Além da linguagem descontraída, o livro traz muitas informações culturais e geográficas a respeito da cidade.

Com vocabulário um pouco mais elaborado, **Iván el terrible** é uma história de aventuras – reais e imaginárias – de crianças que começam a lidar com as suas emoções. Entre medos e descobertas, ilusões e fatos reais, aprendem que as maiores aventuras acontecem dentro do coração.

Lecturas Modernas não são apenas excelentes leituras de apoio para quem está aprendendo a língua espanhola. Repletas de divertidas ilustrações, com glossário no final do volume e atividades que reforçam o aprendizado, tornam-se opções muito adequadas para todos aqueles que têm um conhecimento básico do idioma e pretendem ir muito mais longe...

Editora Moderna

Walter Benjamin e a estética da recepção

Cláudia Perrone*

A teoria da literatura, já nas primeiras primeiras décadas do século XIX, se reorganiza, depois do colapso da Retórica e da Poética, sob a égide de uma concepção historicista. O ideal de positivista da pesquisa objetiva que busca a verdade leva os estudos literários a se voltarem para as origens e processos causais do seu objeto.

Movidos por uma espécie de movimento pendular, os estudos literários, até então absorvidos pela história da literatura e seu caráter extratextual, sofrem um impulso para o outro pólo no século XX: o do texto como centro de interesse. E pelo menos quatro posições teóricas são importantes nesse movimento de inversão: o Formalismo russo, a Estilística, o *New Criticism* e as correntes fenomenológicas (a teoria fenomenológica dos estratos, a Escola de Zurique e a crítica ontológica-hermenêutica).

Um dos efeitos provocados pelas idéias postas em circulação através do Formalismo foi o descrédito do historicismo. Os formalistas tomam como ponto de partida a comparação entre a linguagem cotidiana e a linguagem poética. O texto literário é considerado a partir do seu valor em si, ou seja, o que é relevante é a organização da obra como produto estético. Em um primeiro momento, os formalistas se atêm a um método descritivo e morfológico. Alguns deles chegam a abandonar o problema do conhecimento histórico da literatura. Iuri Tynianov marca um momento de virada, no entanto, quando percebe ser impossível uma definição geral da forma artística fora do quadro de referência do momento histórico particular da produção e da recepção da obra. A obra literária, para ele, é um sistema tem um ponto de intersecção com o sistema literário que, por sua vez, tem um ponto de intersecção com a própria história.

* PUCRS.

Há uma linha de continuidade crítica entre a posição formalista de Tynianov e a idéia de uma Estética da Recepção tal como concebida por Hans Robert Jauss. O deslocamento do centro de interesse para a recepção da literatura pelo leitor é uma lufada de ar fresco entre o puro historicismo e o idealismo-imanentista.

Duas posições, unidas por uma ligação de sentido, a saber, a tentativa de escapar do reducionismo idealista ou historicista, são as de Walter Benjamin e Hans Robert Jauss.

As relações de afinidade que podem ser estabelecidas entre Walter Benjamin e Hans Robert Jauss são traçadas a partir de dois textos: o pequeno ensaio de Benjamin chamado *História da literatura e ciência da literatura* (1931) e um dos textos fundadores da Estética da Recepção *História da literatura como provocação à teoria literária* (1970) de Jauss.

Ambos os textos discutem as relações tensas entre literatura e história. Eles iniciam com a descrição absolutamente concordante do panorama dessa relação: a falência do modelo positivista e do idealismo. Benjamin logo se pergunta qual é o estatuto possível da história da literatura: ela é efetivamente uma disciplina histórica? É possível começar a responder essa pergunta pela sua via negativa, ou seja, pelo que não pode ser historiografia literária.

Benjamin e Jauss tomam como exemplo paradigmático para essa análise o mesmo historiador: o alemão Georg Gottfried Gervinus que publicou a gigantesca *História da literatura nacional alemã*. Para Benjamin, Gervinus faz um esforço colossal com uma metodologia ingênua. Influenciado por uma visão hegeliana, Gervinus acreditava que o historiador deveria encontrar uma *idéia fundamental* única que seria o motivo condutor dos acontecimentos literários e que, simultaneamente, os ligaria ao curso da história universal. A idéia histórica transforma-se em uma idéia da *individualidade nacional*. A prática da história literária é o registro da expressão de uma vontade nacional em formação: é a consagração da língua e a apoteose dos ideais de um povo. A partir de Gervinus, desenvolve-se uma orientação que serve como base das concepções oficiais sobre o ensino da literatura. A idéia é simples: a arte é a expressão e a glorificação da vida pública de um povo. Estudar a arte é impedir a decadência de um povo. Interessava, então, reunir materiais, acumular informações, compilar dados. Benjamin define essa historiografia literária como *um meio termo entre uma manual de estética e um catálogo de livreria*.

Para Benjamin, em uma avaliação em plena consonância com a de Jauss, a germanística do século XIX oscilava entre apresentar o desenvolvimento histórico com caráter de compilação bibliográfica

ou assumir a postura positivista de *coletar e guardar*, seguindo a metodologia da ciência natural. Benjamin critica, também, a germanística que estava perdida em seu ecletismo filológico, como o círculo de Stefan George, envolvido com um falso problema: se e em que medida a razão pode conhecer a obra de arte. O que leva Benjamin a retrucar que a existência no tempo e a compreensão da obra são dois lados do mesmo fato.

Tal como Jauss, que rejeita a análise imanente e a sociologia da literatura, Benjamin também contesta a história materialista da literatura, que se limita a repetir determinados clichês. O historicismo, para Benjamin, mantém a ilusão da continuidade do cortejo triunfal dos vencedores. Há uma necessidade absolutamente política de executar um gesto metodológico suscetível de contrariar o historicismo, produzindo uma queda do encantamento da história. Jauss também deseja. Com as suas teses, recuperar uma dimensão verdadeiramente histórica para o campo dos estudos literários, articulando-a com uma tradição hermenêutica. Ele rejeita a idéia positivista de que existam fatos históricos objetivos na arte ou que a historiografia literária seja apenas um capítulo da história universal. Ambos, Benjamin e Jauss, reivindicam o desenvolvimento de uma nova temporalidade autenticamente histórica e, nesse caminho, as suas descrições especulativas se tocam em muitos pontos.

A obra literária só se realiza no interior de um horizonte trans-subjetivo e trans-histórico que obedece a uma lógica hermenêutica: a lógica da pergunta e da resposta de Hans-Georg Gadamer. Esse é o ponto de partida de Jauss. Entre o texto literário e o leitor não há anterioridade de sentido de um ou de outro, mas um acontecimento no tempo, que é o ato de leitura, com toda a relatividade de sentido que isso implica. Assim é que Jauss propõe uma estética da recepção.

Na sua concepção de uma nova historiografia literária centrada na recepção, Jauss reconhece que um passo importante foi dado pelo Formalismo russo quando esse apontou a necessidade de trabalhar com duas linhas temporais, a sincrônica e a diacrônica. O caráter sistemático da história da literatura na ótica dos formalistas falha, para Jauss, no que ele chama de horizonte histórico de nascimento, função social e feito da obra. Além de resolver o problema da história literária como um conjunto de eventos passados, é preciso solucionar o problema de sua escritura. Como estabelecer a sintonia fina entre a obra literária e o processo geral da história, sem que a literatura seja apenas mais um capítulo des-

ta como mímese ou imitação? Para Jauss, esse nexos se faz na experiência do ato da leitura.

Para desenvolver suas sete teses, Jauss estabelece uma premissa (1994, p. 23): não há obra literária em um vácuo, ela só se realiza no tempo, na relação dialógica com o leitor. Essa relação de comunicação com o receptor é regida pela lógica hermenêutica da pergunta e da resposta, que tem por função estabelecer o nexos entre a história da literatura e as obras literárias. O aspecto estético e o histórico são permanentemente mediados pelo leitor, que domina os códigos estéticos de um período. A continuidade das leituras de uma obra ao longo do tempo é que torna mais visíveis as suas qualidades estéticas. É impressionante a afinidade dessa posição de Jauss com a de Benjamin, expressa no texto de 1931.

“O certo é que se trata, sobretudo, de um embate com as obras. O círculo inteiro das suas vidas efeitos (*Lebens und Wirkungskreis*) possui os mesmos direitos ou até a preponderância diante da história do seu surgimento: portanto, o destino, a recepção delas pelos seus contemporâneos, as suas traduções e fama” (1989, p. 290).

Para enfrentar a passagem pelo caminho estreito onde o cientificismo positivista e o puro subjetivismo ameaçam a teoria da literatura, Jauss identifica o seu sujeito-leitor com a figura empírica do leitor-real historicamente situado. Ao contrário da narratologia, não se trata de lidar com as marcas discursivas de um leitor virtual, um mero efeito do discurso, mas de pensar a experiência de encontro com o texto. E a historiografia literária deixa de ser apenas a descrição das obras e seus autores para tornar-se a experiência de leitores reais e suas leituras.

O historiador é, antes de mais nada, um leitor para Jauss. Benjamin também parte de uma indistinção entre o trabalho do crítico e o do historiador da literatura. O crítico, para Benjamin, é o leitor atento capaz de estabelecer um comentário sobre a obra literária. Também para Benjamin o momento histórico da obra se dá na sua atualização, semelhantemente ao processo descrito por Jauss. A crítica sempre deve iniciar com uma atenção filológica ao texto, pois Benjamin entende que ela é uma porta de entrada para a camada de historicidade. A atenção filológica deve ser desenvolvida em um comentário que deve dar conta do que Benjamin denominou teor coisal do texto, isto é, a totalidade dos elementos que fazem a obra e a sua produção em uma época determinada. O teor coisal, no entanto, ainda não é suficiente para tocar o teor de verdade do texto, ainda que o teor de verdade não se revele senão através do teor coisal, da camada de historicidade.

A hermenêutica benjaminiana só se torna mais clara, principalmente para traçar paralelos com o problema da recepção, se se destacar que ela está calcada na revelação da Torá e dos seus comentários no Talmud. Ou seja, o Talmud é o registro da recepção da Torá. A dialética que Benjamin estabelece entre teor de verdade e o teor coisal é a descrição do processo de recepção e leitura. Isso fica claro em passagens como a seguinte:

“Na árvore do texto sagrado, eles (os comentários) são apenas folhas que balançam eternamente ao vento; na do texto profano, eles são as frutas que caem de acordo com a estação” (apud Alter, 1993, p. 110).

Em relação ao texto original ou ao texto bíblico, cuja relevância é atemporal, o comentário é a folha sempre verde, a extensão viva da árvore eterna, sempre a gerar frutos. A metáfora de origem cabalística da árvore e das folhas aponta para o próprio processo de recepção e leitura que atualiza o texto historicamente. Enquanto processo de leitura, o comentário está subordinado a todas as condicionantes históricas, como assinalado pelo pensamento de Jauss. Mas ele também é o único instrumento para chegar à verdade, como aponta Gershom Scholem:

“A história, é claro, pode ser encarada basicamente como uma ilusão, mas uma ilusão sem a qual é impossível captar a essência das coisas na realidade temporal. Para o homem de hoje, essa totalidade mística da ‘verdade’, cuja existência se torna ainda mais difícil de ser percebida ao ser projetada no tempo histórico, só pode ser captada com clareza pelo discípulo legítimo do comentário” (Apud Alter, 1993, p. 116).

Robert Alter diz que as conclusões de Scholem sobre o papel do comentário na tradição judaica tem sua melhor formulação na palestra que ele preparou para o Instituto Eranos, na Suíça, em 1962: *Revelação e tradição como categorias religiosas do judaísmo*. Essa obra, para Alter, seria a que mais teria impressionado Walter Benjamin, tendo sido integrada na sua própria obra.

O passo mais audacioso do argumento de Scholem é de que o comentário, mais do que um suplemento do texto sagrado, tem um poder imenso de transformação. Ainda que tudo já esteja depositado num substrato intemporal, desde a revelação, para Scholem, a verdade deve ser descoberta no texto pois ela nunca é evidente e só virá a luz pelo processo do comentário. Isso equivale a dizer que há várias verdades no texto que podem ser reveladas de maneiras diferentes, de acordo com o ponto de vista histórico, o método de análise e as pressuposições espirituais e conceituais do intérprete,

ou seja, o leitor empírico. O comentário está sempre ligado à recepção. E essa recepção não é somente um processo perceptivo, é uma experiência – algo que foi abordado por Benjamin na sua distinção entre os conceitos de *Erlebniss* e *Erfahrung*.

Esse trabalho foi uma apresentação abreviada das relações que podem ser estabelecidas entre o pensamento de Hans Robert Jauss e Walter Benjamin. As diferenças, como a questão da alegoria, que sofrem resoluções diversas em cada um desses autores, não foram abordadas. Tampouco a questão da linguagem, que é um denso diferencial entre ambos. De qualquer modo, fica evidente que a recepção (enquanto comentário para um e enquanto leitura para o outro) é a questão central para ambos.

As abordagens desses autores divergem sobretudo no modo como cada um pensa o campo de forças ao qual está submetido o receptor. A ênfase de Walter Benjamin é nas coordenadas históricas, políticas e sociais, enquanto Jauss enfatiza as coordenadas da estética, da percepção e da teoria da comunicação. É justamente a partir dessa diferença da ênfase que se estabelecem as distinções fundamentais nos seus respectivos conceitos de alegoria.

Um possível desdobramento desse trabalho é a modificação da recepção de Benjamin, encarado como precursor reconhecido pelo próprio Jauss e, portanto, parente próximo da Estética da Recepção, do que seu opositor a-histórico e essencialista.

Referências bibliográficas

ALTER, R. *Anjos necessários: tradição e modernidade em Kafka, Benjamin e Scholem*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.

BENJAMIN, W. *Gesammelte Schriften: Das Passagen-Werk*. Frankfurt: Suhrkamp Verlag, 1989.

JAUSS, H. R. *Toward an aesthetic of reception*. Minneapolis: Minnesota Press, 1985.

———. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994.

SCHOLEM, G. *Walter Benjamin: a história de uma amizade*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

ZILBERMAN, R. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.